
 DEVEMOS OU NÃO CONTINUAR PLANTANDO CAFÉ ?

A intensificação do plantio do café nas novas regiões do país e nos países estrangeiros, tem trazido um natural e compreensível desassossego entre os cafeicultores patricios. Recios de que em futuro não muito remoto, volumosa safra viria a ter ponderável influência nos preços do produto, não são poucos os que nos indagam se devem ou não continuar plantando café.

É bastante procedente a questão, pois o plantio de café tem, de fato, aumentado substancialmente nessas diferentes regiões, fazendo prever safras volumosas para o futuro.

De se ponderar também, o preço atual do produto que tem permitido aos lavradores um apuro técnico nas práticas agrícolas, quer seja através da adubação química, quer seja pelas obras contra erosão, combates à praga etc. Essa melhoria de técnica trará um aumento de produção das lavouras velhas e concorrerá assim para safras ainda mais volumosas no futuro. Aliás já é o que acontece com a zonas velhas tradicionalmente cafeeiras do Estado de São Paulo.

Por outro lado, o mercado consumidor de café apresenta características de inelasticidade que tornam, muitas vezes, desvantajosa a produção de safras maiores. Devido a essa característica, sempre que a quantidade oferecida no mercado cresce além de certo limite, os preços passam a cair em proporção maior, fazendo com que, em certo momento, a renda obtida com a venda de uma produção maior venha a ser inferior a de uma produção menor. É isso o que pode acontecer se a produção de café do Brasil continuar a crescer. É verdade que essa característica da inelasticidade do mercado pode ser modificada através de uma intensa propaganda junto ao consumidor, mas isso requer algum tempo para ser conseguido.

À vista desses elementos, isto é, da inelasticidade do mercado consumidor e da possível próxima ocorrência de safras abundantes, chega-se à conclusão de que não é vantagem para o país aumentar a produção cafeeira, pois tal aumento poderá resultar numa diminuição de renda para os cafeicultores em geral, considerados como classe.

Todavia, ao considerarmos a questão sob ponto de vista do indivíduo, a conclusão é outra. A lavoura formada em terras novas e férteis, é muito mais lucrativa do que as lavouras velhas, pois a produção por unidade de área naquelas regiões, é muito mais elevada. Nêsse caso, o plantio de novas lavouras pode continuar a ser lucrativo para o produtor individual, ainda que os preços do produto caiam.

Encontramo-nos, pois, frente a um conflito de interesses. Para a nação, poderá ser melhor que não se plantem mais lavouras, pois evita-se, assim, o problema da super produção e consequentemente dos preços baixos. Mas, de outro lado essa proibição prejudica os interesses dos indivíduos que dispõem de terras apropriadas, assim como o de tôdas as regiões novas do País, que se mostram adequadas à cultura e que devido à distância em que se encontram dos centros consumidores, não podem alicerçar o seu desenvolvimento econômico em outra cultura ou atividade.

À vista dêsse conflito de interesses, a política mais aconselhável a se traçar, seria:

- 1º) Manter os produtores informados quanto à verdadeira situação do café no futuro próximo, sem contudo proibir o plantio.
- 2º) Dar assistência técnica aos que desejarem plantar a fim de que êsses, se o fizerem que o façam eficientemente para que possam no futuro ter baixo custo de produção.
- 3º) Facilitar a reorganização das propriedades agrícolas situadas em zonas onde as produções não são lucrativas.

Com essas medidas poder-se-iam conciliar, até certo ponto, os interesses em questão; ainda que deixasse de enfrentar a questão frontalmente.

* * *